

Composição da Comissão de Urbanização, Transporte e Habitação – CUTHAB



Giovani
Culau e
Coletivo



Cassiá
Carpes



Jessé
Sangalli



José
Freitas



Karen
Santos



Pablo
Melo

045ª CUTHAB 26NOV2024

Pauta: CUTHAB debate questões do Beco do Buda no bairro Chapéu do Sol – Extremo Sul.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): (18h30min) Eu quero desejar uma boa-noite a todos e todas. Eu imagino que nem todo mundo que está aqui me conheça. Então, quando a gente chega na casa dos outros, a gente precisa pedir licença, e eu peço licença, e a gente precisa se apresentar. Eu sou o Ver. Giovani Culau, eu sou hoje o vereador mais jovem da cidade, assumi o mandato no ano passado, na Câmara de Porto Alegre, eu me criei aqui no Extremo-Sul da cidade, ali no bairro Ponta Grossa, e hoje eu sou presidente aqui desta comissão, que está fazendo esta visita da Câmara, que é a CUTHAB, que é a Comissão de Urbanização, Transportes e Habitação da Câmara. Eu queria parabenizar aqui, a partir de ti, Gabriela, toda a Associação de Moradores Linha de Frente do Beco do Buda, e eu queria pedir uma salva de palmas para toda a associação. (Palmas.) Eu queria, gente, dizer que vocês podem ter certeza que a associação pode contar com a comissão para todas as reivindicações da comunidade pelos seus direitos.

E eu queria, gente, assim, primeiro dizer para vocês como surgiu esta reunião aqui. Nós estávamos no meio da eleição, que acabou faz pouco tempo, e eu acho que a Karine, se eu não estiver errado, fez um desafio de quem teria

coragem de vir no Beco num dia em que o Beco estava alagado, e não num dia em que o Beco estava seco. Não fui o único, mas eu fui... (Problemas técnicos no som.) ...Acho que agora vai. Eu fui um dos que topou o desafio de vir aqui no Beco naquele dia. Nós estávamos no meio da eleição e eu disse que eu não estava aqui para fazer campanha e para pedir voto, que eu estava aqui como representante eleito, que tinha compromisso com a comunidade. Quando eu estive aqui, eu firmei um compromisso de que, passado as eleições, independente do resultado, nós íamos trazer a Câmara de Vereadores e nós íamos trazer, a partir da Câmara de Vereadores, a Prefeitura, para que a comunidade do Beco do Buda pudesse ser ouvida, pudesse apresentar suas reivindicações, e junto com a Câmara de Vereadores e com a Prefeitura, que foi chamada para participar, a gente apontar perspectiva para todas as demandas que a gente tem. E eu sei, gente, que está todo mundo cansado de enrolação. Eu quero ser muito sincero com vocês: eu não acredito que vereador algum tem o poder e a força de, sozinho, dizer aqui para vocês que vai mudar a vida de vocês do dia para a noite, porque falar uma coisa dessas é gerar frustração nas pessoas, e está todo mundo cansado de frustração e de enrolação. Então, eu acredito que a única coisa capaz de mudar as nossas vidas é a luta, por isso que a associação de moradores é muito importante, porque, quando tem associação de morador, não é uma liderança, um morador falando sozinho, é a associação falando pela comunidade inteira.

Quando eu decidi disputar uma eleição foi por acreditar que a gente também precisa batalhar para ter as nossas representações lá. Mas eu acho que, infelizmente, o sistema tem, na sua maioria, quem representa os poderosos. E eu estou falando isso porque vocês sabem bem que, onde moram os mais ricos, não falta água como falta aqui para vocês. Onde moram os mais ricos, não sofrem com o alagamento da mesma forma que vocês sofrem. Os lugares de maior visibilidade na cidade, no Centro da cidade, não enfrentam os mesmos problemas que vocês. Então, só a luta para mudar esse jogo, e eu volto a dizer: a maioria de quem está no poder representa os poderosos. Então este espaço aqui, para mim, é muito importante, porque, desde que assumimos a presidência

da CUTHAB, eu me tornei presidente este ano, eu tenho feito um esforço – já tinha começado um pouco antes disso – de trazer a CUTHAB para a comunidade, porque é muito difícil vocês irem lá na Câmara, então vamos trazer a Câmara para cá – a gente fez isso o ano inteiro. A gente teve, inclusive, lutas que a gente fez com a comunidade que foram importantes, por exemplo, aqui, no Extremo-Sul, a gente correu o risco de tirarem a lotação Belém Novo, então foi uma das lutas que a gente fez na CUTHAB. E nós estamos chegando ao final do ano, e eu estou feliz de – assim, na reta final do ano, nas últimas reuniões que eu sou presidente – estar aqui com vocês, trazendo a CUTHAB agora para o Beco do Buda.

Já estão todos à mesa, mas eu quero aqui agradecer a presença, todas as representações da Prefeitura que a gente convocou estão presentes. Então é importante. Eu quero cumprimentar aqui as representações do DMAE, a gente tem a nossa diretora Isabel, o Quintana está aí com a gente também – duas representações do DMAE. A gente tem aqui o Rodney, que representa a Secretaria de Serviços Urbanos, por exemplo, quando tem o patrolamento da rua, quem faz isso é a Secretaria de Serviços Urbanos. Então a Secretaria de Serviços Urbanos está aqui. A gente tem o DEMHAB, a partir do Luciano, que é o Departamento Municipal de Habitação. Uma das lutas aqui, Luciano, é a regularização fundiária, então a presença do DEMHAB é importante. A gente tem também a Tatiana, que representa a SMOI, que é a Secretaria de Obras. Então, vamos dizer assim, as obras maiores, que precisam de mais coisa, são com a Secretaria de Obras, que a gente convocou e está presente aqui com a gente. Está lá na rua, vai entrar logo mais o Ver. Jessé Sangalli, que compõe a comissão também junto comigo e outros vereadores. E eu quero dizer para vocês que nós convocamos também a CEEE, e a CEEE não veio.

(Manifestações das galerias.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Então, gente...

(Manifestação fora do microfone.) (Palmas.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado, gente. E o que eu queria combinar com vocês é o seguinte, de a gente começar com as falas da comunidade. Então, a gente tem uma primeira fala que seja, inclusive, da Gabi, que é a nossa presidenta da associação, a gente tem uma lista aqui de pessoas que se inscreveram para falar em nome da comunidade. Por qual razão, gente? A gente, primeiro, escuta. Gente, só para eu compartilhar aqui com vocês como vai funcionar. Depois, eu vou ler aqui a lista de todo mundo que está inscrito para falar. Está bem? Então, os moradores falam, porque, às vezes, os políticos gostam de vir e não escutam. Então, vamos escutar primeiro a comunidade, daí, depois, a gente vai ouvir a fala de cada representação da Prefeitura. Antes de passar para a Gabi, gente, eu só quero pedir a atenção das representações da Prefeitura. Gabi, escuta para ver se eu não vou falar nenhuma besteira. Nós vamos ouvir a comunidade, mas, de antemão, eu já quero levantar quatro coisas que são importantes. A primeira delas diz respeito ao quê? O beco sofre muito com a água, tanto com água de mais como água de menos; com a água que entra nas nossas casas com o alagamento e também com a água que não chega na torneira. E, Isabel e Quintana, é importante que a comunidade saiba, a Prefeitura de Porto Alegre tem hoje um projeto na cidade de levar a regularização do fornecimento de água para as comunidades que não têm acesso à água. Esse é um projeto que já está em andamento na cidade. E o que é que eu acho que a gente precisa batalhar junto aqui? Para a gente saber se o Beco do Buda está incluído na previsão desse projeto. E, se o Beco do Buda não está previsto, a gente precisa garantir que entre. Então, essa é uma questão importante, Isabel e Quintana, a adequação, a regularização do fornecimento de água para todo o Beco do Buda. É importante a gente saber se tem previsão de obras, seja nesse trabalho conjunto da Secretaria de Obras, do DEMAÉ, e da Secretaria de Serviços Urbanos, para resolver, mitigar o problema dos alagamentos aqui. E a gente tem a situação de um valão aqui na lateral, que é uma questão da comunidade, que sempre vem à tona, e a gente quer ouvir o

que a Prefeitura está pensando para que as pessoas não sofram tanto com o alagamento como sofrem hoje. Já antecipei antes esse tema da regularização fundiária, como que a Prefeitura encara a regularização aqui do beco?

E eu quero fazer uma combinação com vocês. A CEEE não veio, mas a gente falou com a Defensoria Pública, e a Defensoria Pública tem disposição de vir fazer um mutirão aqui com vocês. Mas eu queria, quando vocês falassem, de saber, de entender se vocês estão sofrendo ainda com cobrança abusiva da CEEE. Saber disso é muito importante para darmos esse encaminhamento com a Defensoria. Então, gente, eu vou passar a palavra – já falei três questões iniciais para o governo municipal – para a Gabi, e depois a gente vai chamando os outros representantes da comunidade para falar. Pode ser assim, gente? (Aqui escência da comunidade.) Fechou. Muito obrigado. (Palmas.)

SRA. GABRIELA RODRIGUES GARCIA: Boa noite. Eu quero agradecer a todo mundo por estar aqui nesta noite. E hoje nós queremos apresentar, vou estar apresentando os membros das diretorias e os líderes da Associação de Moradores de Linha de Frente do Beco do Buda. Primeiramente, nós tomamos essa iniciativa – porque até mesmo no grupo, pessoas pediram para a gente ficar como líderes e hoje nós estamos aqui – junto com o pastor Diego, que está nos guiando, nos dando uma direção. Então, eu estou como presidente; a irmã Jose está como a vice-presidente; o irmão Marcos está como o nosso tesoureiro, lá está o irmão Marcos; a irmã Suziane chegou; temos a nossa secretária Luana também, que não está aqui, está trabalhando; o Anderson é o 2º secretário; e temos os nossos conselheiros, que são a dona Alzira, a Fátima – que todo mundo conhece, que é minha mãe, lá está ela; levanta a mão aí, mãe –; a Bernadete, que eu não sei se ela está aqui, ela é moradora da outra rua, lá da Francisca de Oliveira Vieira; a dona Silvana; e a Aline e o Júlio. Cadê eles também? Esses fazem parte da Associação de Moradores de Linha de Frente. Então, nós damos as mãos juntos para buscarmos o melhor pela nossa comunidade, estarmos representando esse lugar para buscarmos melhorias para o futuro de nossos filhos, mas que nós possamos ver isso acontecer, não

só pelos nossos filhos, mas que nós possamos contemplar. Então, vamos dar as mãos juntos. Estou um pouco nervosa, porque é a primeira vez que nós estamos fazendo esse trabalho da associação, e vou estar abrindo para o pessoal estar levando as demandas, depois vou estar falando mais um pouquinho.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Gente, eu vou chamando aqui os inscritos. E, daí, quem está inscrito, vem aqui na frente para falar, tá? Pode sentar aqui, Gabi. Fica à vontade.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): A Sra. Jessica Pereira da Silva está com a palavra.

SRA. JESSICA PEREIRA DA SILVA: Meu nome é Jéssica, eu moro aqui no acesso 9, faz mais de semanas que a gente está sem água, não sobe água nas torneiras. Faz mais de mês. Toda semana. Lá na minha casa não sobe, pelo menos. E muito difícil de madrugada. Na minha casa, é muito difícil. Aqui no acesso 9, atrás da pracinha. Às vezes, também, a gente passa pelos becos, aqui pela rua, tem água vazando. Daí, também, lá na frente, o registro é diminuído. Então, o que eu tenho para falar é só sobre a água. (Palmas.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): A Sra. Alzira Barbosa está com a palavra.

SRA. ALZIRA BARBOSA: Meu nome é Alzira Barbosa, sou representante do Linha de Frente aqui da Associação da nossa comunidade. Então, a gente tem muitas reclamações a fazer. É muito difícil para nós aqui, não tem água, a luz era horrível, agora está melhor, mas a Equatorial saiu espalhando poste por tudo que é lugar e eles não se preocuparam se as pessoas têm condições de pagar. Eu acho que eles pensaram que aqui era lugar só de rico, porque tem gente que paga até mil reais de luz. Aí é de apavorar. E as estradas estão horríveis. Está muito difícil para nós aqui. Somos mais esquecidos do que alguém que nos

atende. Está difícil para nós. Os cadeirantes precisam sair, tem pessoas muito doentes aqui também e não dá para ir por causa da estrada. Então, nós precisamos que alguém venha de verdade nos socorrer. Nós somos gente, nós precisamos de ajuda sobre a estrada, sobre a luz. Então, é tudo que tenho a declarar. E muito obrigada pela oportunidade. (Palmas.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigada, Alzira. A Sra. Barbara dos Anjos está com a palavra.

SRA. BARBARA DOS ANJOS LHER: Boa tarde, meu nome é Barbara dos Anjos, sou ialorixá de matriz africana e umbandista. O meu depoimento é sobre saneamento básico, que é precário. Eu moro aqui do lado, a minha mãe tem problemas renais, faz hemodiálise três vezes na semana e a *van*, às vezes, não passa aqui na frente por causa dos buracos. Às vezes, a gente tem que carregá-la no colo para fazer hemodiálise, descer lá em baixo para pegar a *van*. É difícil. E, quando as crianças têm aula, o beco está cheio d'água. Eles não podem ter aula durante uma semana. E a questão também é o pavimento, arrumar as ruas. Só isso para mim. Muito obrigada. (Palmas.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigada, Barbara.

A Sra. Karine Mendes da Silva está com a palavra.

SRA. KARINE MENDES DA SILVA: Meu nome é Karine, nesse dia, a gente fez o desafio por causa da enchente, porque ninguém conseguia sair, ninguém conseguia entrar. Então, assim, eu vou falar uma coisa que ninguém falou: os esgotos, gente. Não adianta vir, passar a patrôla, que nem fizeram hoje, botar brita, botar terra, não adianta, vai chover, a gente vai ficar alagado de novo. Vai encher os valos e a gente vai ficar alagado. É sempre assim: a Prefeitura vem, manda passar patrôla, a patrôla passa, no outro dia chove e a água fica na cintura. Os filhos da gente não vão para a escola, a gente não vai no mercado,

não vai em lugar nenhum. O que as mães, os pais têm que fazer? Passar com água na cintura para poder ir até o mercado para comprar um leite para o filho. E as crianças levam falta a semana toda na escola. Entendeu? Tem que arrumar os esgotos. Não adianta vir aqui, passar patrola, fazer bonito, não adianta. Tem que arrumar os esgotos, dar um jeito, colocar encanação, fazer alguma coisa. Eu moro aqui há 24 anos – 24 anos eu moro aqui – e sempre foi a mesma coisa, nunca mudou. Entendeu? E é isto que a gente quer: a gente quer alguma coisa pelo povo, porque eu já estou cansada. (Palmas.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito bem, Karine.

A Sra. Maria Helena está com a palavra.

SRA. MARIA HELENA BARBOZA: Boa tarde, gente. A questão do esgoto, que é muito importante, como a Karine falou, não adianta arrumar, choveu, alaga tudo. A gente tem as fossas, que foi a gente que improvisou, mas, quando começa a chuva, começa a subir, então, não é só a questão da água, é a questão das fezes que vêm para cima e acaba prejudicando, principalmente, as crianças. E a questão do ônibus: se a gente vai para o Centro de manhã, porque tem um, se eu não me engano, 5h50min, depois tem um 7h30min ou 7h45min; para voltar, não tem. A gente tem que pegar e fazer baldeação.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SRA. MARIA HELENA BARBOZA: Às vezes, nem duas, porque se perde o das 19h, tu tens que se virar nos 30 ou vir a pé. E a questão também – a CEEE não está aqui –, mas a minha luz, principalmente, mês passado veio R\$ 843,00. Eu já estive lá na Câmara – se lembra de mim? Ela era menorzinha – no debate, e agora até não tem nada dentro da minha casa, minha casa está vazia, e a minha luz veio R\$ 342,00. De que jeito, se não tem nada? Então, a gente queria um debate com a CEEE de novo, se conseguissem, ou com a Defensoria Pública.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado, Maria Helena. A Sra. Nélida Baierle está com a palavra.

SRA. NÉLIDA BAIERLE: Boa tarde a todos. Meu nome é Nélida, eu moro aqui no Beco há três anos. Mas, nesse pouco tempo que eu vi aqui, tem muita coisa realmente que todos comentaram aqui, não é? A água, o esgoto. Esse patrolamento que foi dito agora, eles vêm fazer e passar patrola aqui e daí chove, alaga, vira um lodo que as crianças não podem passar. É lodo, é poça, não adianta, tem que fazer primeiro o esgoto, limpar tudo para depois fazer isso aqui, e o principal também que eu quero falar é sobre o ônibus. Porque o último Hípica-Belém Novo que tem acho que é às 8h10min. da manhã. Aí, como eu também sou transplantada renal, quase duas, três vezes na semana eu tenho que ir ao médico lá na Santa Casa. O que acontece? Aí eu tenho que pegar um às 9h, pago mais uma passagem, né? Depois, para voltar de lá também, mais duas passagens para poder chegar até aqui. Então, o importante aqui é água, é esgoto, é luz; tudo, estrada e ônibus também. O ônibus é uma coisa muito importante porque aqui tem muito trabalhador que tem que se virar nos 30, porque a lotação passa só na Tristeza. Se tu queres pegar uma lotação, tu vais para a Tristeza, para mim já não dá, porque é lá na Santa Casa que eu tenho que ir. Então, é isso, por enquanto, era isso para mim.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado, Nélida. A Sra. Fabiana Vargas está com a palavra.

SRA. FABIANA MOREIRA VARGAS: Boa tarde, gente. Tudo bem? Assim, eu vou bater nas mesmas coisas que estão falando aqui. O esgoto é horrível, principalmente quando enche todas as entradas que a gente tem que sair com água pela cintura, é rato, é coisarada, é tudo aquelas coisas que eu não quero falar aqui, entendeu?

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SRA. FABIANA MOREIRA VARGAS: Exatamente, bem por aí. As crianças não podem ir para ao colégio, entendeu? Até da água também, que a minha amiga aqui, minha vizinha também, não é? Eu acho que é muito importante também. A minha luz está tranquila, por enquanto, até não posso reclamar, está tranquilinha. Mas a da minha guria também vem muito alta, bastante. Nem conseguiu pagar mais também, porque é muito alta. E eu ganhei esse valão atrás também, que é um horror, é horrível, porque o banheiro é tudo ali atrás que vai. Imagina quando alaga, é tudo boiando, e a gente tem que passar com água por aqui, que até larguei no Balanço Geral uma vez. É horrível, horrível mesmo. Olha, e aí tanta promessa, tanta promessa, tanta promessa e ninguém faz nada. E nós esperamos que vocês nos ajudem. Nós precisamos da ajuda de vocês. Muito obrigada.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado, Fabiana. A Sra. Jéssica Bandeira está com a palavra.

SRA. JÉSSICA RAMOS BANDEIRA: Boa tarde, me chamo Jéssica, moro há mais de 20 anos aqui e, como o pessoal vem relatando, são vários pontos negativos que a gente presencia de anos e anos. Então, são várias questões que a gente vem relatando, conversando nos grupos, redes sociais e a gente não quer só uma simples reunião e, sim, solucionar o problema que a gente está pedindo há mais de anos. Tem as questões dos ônibus, alagamentos, os esgotos e a gente está cansado de passar por isso, porque não é um dia, dois dias, são anos, e é de geração para geração que a gente vem vendo isso. Então, é muito triste para a gente. Nessa enchente de maio, eu fiquei dois dias na casa da minha irmã, porque eu não consegui voltar para casa. Inclusive, os pais do Giovani me cederam um colchão para eu dormir com ele na minha irmã, porque a situação estava bem difícil aqui. Então, a gente não quer, como eu falei, só uma simples reunião, a gente quer que solucione o nosso problema. É igual ao que eu sempre digo, talvez o pessoal ache que eu sou ingrata em falar que passaram a máquina

ali e arrumaram a rua. Não sei para eles, só que para mim não é o suficiente, porque quando chove vira uma lama, é um horror. Tentaram solucionar ali, de arrumar coisa, só estragaram mais. Está uma vala lá, é um horror. Então, a gente quer, de coração, que nos ajudem e que não fique só aqui, neste momento, que siga adiante o nosso problema. Era só isso. Obrigada.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito bem, Jéssica. Eu tenho anotado aqui que agora seria a Josiane. Não queres falar, Josiane? Então, primeiro é o Marco, depois a Josiane. O Sr. Marco dos Santos está com a palavra.

SR. MARCO PEREIRA DOS SANTOS: Boa noite, comunidade. Boa noite a cada entidade que está aqui nesta noite. Junto com a situação da comunidade que todos têm colocado, cada um tem um ponto de vista, mas todos os pontos de vista são de suma importância para nós que moramos, residimos aqui. Já foi falado do ônibus que realmente é precário, é horrível para quem trabalha. Para quem precisa largar uma criança no colégio, tem que caminhar daqui até a escola, a pessoa fica fragilizada porque não tem um acostamento adequado, as crianças têm que andar na calçada, no asfalto, com muitos carros passando. A sinalização também não ajuda muito, porque não tem uma faixa de pedestre, justamente por ser perto da comunidade. Não tem. E, aqui dentro, a gente precisava do apoio do pessoal do DMAE para fazer uma topografia, para nós conseguirmos analisar juntamente, para ver o que dá para fazer com essa infraestrutura de drenagem da água. A gente sabe que não é fácil, a gente sabe que é complicado, mas não queremos somente exigir; também queremos entrar com uma parceria com vocês. Assim como nós vamos entrar com uma associação, nós também queremos, se tiver que participar de reunião, nós estamos aí, porque nós queremos ser a voz do povo, nós queremos ser a voz daqueles que não têm voz e queremos que a nossa voz seja ouvida esta noite aqui. Não somos melhores que ninguém, mas nós precisamos disso tudo aí. A gente precisa de um posto, de repente uma creche, tem muitas mães aqui dentro

que querem trabalhar, anseiam por trabalhar, mas não têm com quem deixar seus filhos. Talvez, se tiver uma creche ou algo, as coisas poderiam ser muito melhores, isso como comunidade. Os canos estão todos entupidos, todos. Talvez uma galeria ajudaria muito. Como a gente costuma ouvir: “Ah, mas não tem verba.” Se tiver o material, eu tenho certeza de que muitos homens da comunidade botam a mão na picareta e cavam o buraco, como comunidade, porque é nós por nós mesmos. Nós estamos aqui para apoiar uns aos outros. Então, é de suma importância, porque desculpas a gente tem bastante. Entra governo, sai governo, é sempre promessa. Todo mundo lembra da gente na época da eleição, mas, quando passa a eleição, cai no esquecimento.

Eu quero dizer que sou grato, porque, assim como entra ano e sai ano, grandes melhorias têm acontecido. O fato de pessoas morarem aqui há 20, 30 anos, e quando foi que aconteceu uma comissão dessas? Então, as coisas vão melhorar. Quero dizer que nós contamos com a colaboração de todos vocês e que vocês nos ajudem. Quando vocês deitarem a cabeça no travesseiro e estiver chovendo, vocês pensem: “Bah, tem um monte de crianças que não puderam ir à escola hoje. Tem pais que não puderam trabalhar para trazer o pão para os seus filhos, porque não tiveram uma estrutura.”

É isso aí, pessoal? (Palmas.) Muito obrigado.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito bem, Marco. Agora, sim, Joseane.

SRA. JOSEANE RODRIGUES DE OLIVEIRA: Boa noite, pessoal, meu nome é Josiane e acredito que a grande maioria aqui da comunidade já me conhece. Eu me coloquei à disposição, juntamente com a Gabriela, para nós fundarmos aqui na nossa comunidade uma associação de moradores. Eu moro há pouco tempo aqui na comunidade, não faz um ano. Mas, no momento em que vim morar aqui e vi o quanto precisava de melhorias, eu não olhei para os defeitos, mas, sim, para aquilo que a gente poderia mudar. E, em meio à questão da enchente que houve, toda aquela situação, aqui neste lugar, a gente levantou uma linha de

frente, onde nos colocamos praticamente quase que 24 horas da nossa vida para poder trazer recursos para a comunidade, ligando, correndo atrás, buscando e recebendo. Eu creio que todos vocês foram participantes disso.

Mas, hoje, eu não quero falar com vocês, eu quero falar com os representantes que aqui estão. Eu, como representante da associação dos moradores, juntamente com a Gabriela, eu quero falar para vocês que, aqui na comunidade, existem 419 adultos, 108 crianças. Esse foi o último levantamento que a gente fez. É muita gente para uma comunidade que está esquecida; é muita gente para uma comunidade que tem chorado; é muita gente para uma comunidade que tem pisado no barro todo dia, praticamente. Basta uma chuvinha para ter que remangar as calças e estar à mercê de leptospirose, de bichos, de cobras, porque o mato está aí. A gente mora no meio do mato. Não bastando isso, vem a falta de água. Eu morava ali em Belém Novo, não faltava água onde eu morava. Quando eu vim para cá... Eu não tenho água na minha casa, eu não sei o que é ter uma água jorrando na torneira. Eu não sei o que é ver uma água limpa caindo dentro do copo. Hoje, temos hoje porque nós temos essa cisterna que os americanos nos trouxeram no período da enchente. Mas, se não fosse pela cisterna, muitos aqui não teriam nem água para beber, porque muitas mulheres, muitos pais saem de manhã cedo para trabalhar e não têm tempo de encher uma jarra, não têm tempo de encher um balde. Aí tu chegas em casa, como eu cheguei hoje, podre de cansada, querendo tomar um banho, mas não tem uma água. Eu estou aqui, grudando, porque, como se não bastasse terem passado a retroescavadeira ali, em tempo chuvoso, ainda conseguiram arrebentar os canos. Onde eu moro, não chega água quando o cano está bom, imagina quando o cano está ruim. Então, se eu for colocar para vocês aqui, a nossa necessidade é muita, é muita a necessidade aqui da comunidade, mas também não adianta somente vir aqui passar a retroescavadeira. Tem que fazer uma vistoria na comunidade, de beco em beco, de entrada em entrada, ver qual é, conhecer o morador, ver o que ele realmente está passando. Porque talvez aquilo que eu vou falar para ti vai ser aquilo que eu estou sentindo, é a minha dor. Mas não sabe qual é a dor da vizinha do fundo, da vizinha lá do canto. Talvez ela esteja

sofrendo muito mais do que eu no dia a dia dela, porque não tem uma creche para levar o seu filho, ou porque, de repente, não conseguiu ir trabalhar porque não tinha onde deixar o seu filho, e quem sabe o filho está chorando com fome. Então, são muitas as necessidades, e acredito que, no momento em que entrarem aqui, neste lugar, pessoas que, acredito, vieram para nos ajudar, porque eu acredito que eu não vim aqui para gastar o meu tempo. Eu acredito que cada um de vocês saiu de suas casas para ajudar esta comunidade, e é por isso que nós nos colocamos à frente, na linha de frente, não como deputado fulano ou deputado sicrano, não, mas como seres humanos. Olhem para nós, olhem para cada mãe, para cada pai que aqui representa, olhem para cada mãe que tem esperança em vocês, porque, quer queira, quer não, vocês estão lá nos representando. Vai ser através de vocês que nós vamos conseguir melhorias para este lugar. Vai ser através de vocês que nós vamos conseguir melhorias aqui para este lugar. Vai ser através de vocês que vai vir o saneamento básico. Vai ser através de vocês que vai vir a regularização fundiária. E é o que nós mais queremos. Não queremos que ninguém entre aqui e coloque uma retroescavadeira e digam: "Vocês têm que sair." Não queremos que entrem aqui nos ameaçando, dizendo que nós não teremos mais a nossa casa para morar. Que é isso que muitos aqui estão vivendo nesses dias. Tem pessoas que estão ameaçadas neste lugar. Que a qualquer momento pode parar uma viatura ou, quem sabe, uma retroescavadeira e levar a sua casa. Quantos aqui estão nessa situação? Nós queremos ter um papel, dizendo que nós somos donos legais, que nós temos direito à moradia, porque nós somos cidadãos, porque a gente paga imposto, porque nós temos direito. E nós sabemos que temos e nós temos que lutar. Temos aqui o Diego Tavares, que tem nos assessorado. Temos também o advogado que está também nos assessorando. Nós não estamos aqui brincando. Nós queremos que vocês nos levem a sério. Nós queremos que vocês olhem para nós e saibam que realmente nós existimos neste lugar. Nós queremos ser vistos neste lugar. Queremos amanhã, depois, como a Gabriela disse, como tem sido dito aqui, os nossos filhos poderem pisar no asfalto, os nossos filhos poderem tomar um banho numa água decente, os nossos filhos

poderem ter para onde ir sem medo. É o que eu quero colocar nesta noite. Obrigada.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito forte e importante a tua fala, Joseane. Nós estamos encerrando aqui as falas da comunidade, gente. Então nós vamos ter mais três falas. Eu só peço que a gente controle o tempo para conseguirmos ouvir também as representações do governo. Então, Silzana, o microfone está contigo.

SRA. SILZANA FERREIRA: Boa tarde. Tudo bem, gente? Assim, tudo que foi falado aqui é de extrema importância. Mas o principal que a Joseane colocou, que nós todos estamos reunidos aqui nesta tarde, não perdendo tempo, mas querendo ser vistos como seres humanos e cidadãos, como todos os outros que moram fora do Beco do Buda. A gente brinca que aqui se chama Buda Ville. Mas ninguém de dentro da comunidade do Beco do Buda tem diferença com o pessoal do Terra Ville. A única diferença deles para nós é que eles têm infraestrutura e dinheiro. A gente não, por isso que a gente precisa de vocês. A gente quer, sim, uma estrada digna para poder caminhar. A gente quer, sim, uma iluminação que não tenha preço acima e excessivo. A gente quer água digna, sim. A gente quer ser reconhecido como cidadãos dignos. Mas, principalmente, a gente quer ser reconhecido por vocês lá dentro. Porque é o povo que coloca vocês lá dentro. E a maioria do povo que coloca vocês lá dentro são os pobres, não são os ricos. Porque o rico não precisa votar, ele tem dinheiro, ele compra as coisas que quiser. É nós da comunidade, como o Beco do Buda, que coloca vereador, prefeito, presidente, etc. Então, é nós que temos que ser vistos. É as nossas crianças que, muitas vezes, têm que ir a um hospital e não têm ônibus para chegar no horário. É muitas vezes as nossas crianças que precisam chegar na escola a tempo, lá no Chapéu do Sol, mas não têm ônibus. É muitas crianças e mães aqui dentro que têm determinadas doenças, mas, se tiver que ir no hospital, não têm ônibus no horário certo. Porque o ônibus às vezes vem num horário, às vezes vem em outro. Então, a gente não está cobrando nada, nós só

estamos dizendo que temos direito. Porque está na Constituição Brasileira tudo o que está sendo colocado aqui. E nós somos seres humanos e somos cidadãos como todos os outros. A gente só não tem faculdade, mas tem inteligência e sabedoria de tudo o que estamos passando aqui dentro. Quem vivencia e sente somos nós. Então, a gente sabe o quanto precisamos da ajuda de vocês. E eu choro, sabe por quê? Porque eu vivi muitas coisas aqui dentro. Eu perdi emprego, um monte de coisas com esse negócio da enchente. E a pior coisa que mais me atinge é saber que o pessoal daquela comunidade ali pode perder suas casas por causa da ignorância do homem. Porque o homem quer ganhar em cima do pobre, nunca em cima do rico, porque o rico não deixa. Então, principalmente eu, como uma pessoa que não moro ali, mas eu tenho terreno, a gente precisa da ajuda de vocês. Não só na comunidade do Buda, mas ali do outro lado, que tem gente sem-vergonha querendo tirar o pessoal dali. Essa moça aqui tem essa criança, essa criança é diferente das outras crianças. Tem a Carol, que tem criança. Tem o Alexandre, que tem criança, mas não está aqui, o Pato. Tem neném recém-nascido. Então, a gente só quer ajuda. Entendeu? Mas é uma ajuda que nós temos o direito. Nós temos o direito disso. Muito obrigada.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado. Agora o Sr. Vieira e depois a Carol.

SR. JOSÉ CARLOS SILVEIRA VIEIRA: Pessoal, eu sou o Vieira. Sou o cara mais chorão que tem nesta área. Sabe por quê? Todo esse pessoal que está aqui, eu conheço todos eles, me ajudaram lá na Juca Batista, 6005. Aqui eu ajudei vocês, quando eu comecei a ajudar vocês... Quando eu tinha que passar a patrôla aqui, eu tinha que tirar todos os fios das casas de vocês para passar a patrôla. Eu trouxe a Equatorial aqui. Está aqui a Dona Alzira, todo mundo, às vezes, não gosta dela. A Dona Alzira, o baixinho que corta a grama aqui e tem outra pessoa que estava junto comigo. Eu ajudei vocês de ponta a ponta, porque eu sou um líder comunitário. Eu agradeço muito o Giovani. O Quintana ali, aquele

cara ali, com certeza – que ele é da questão dos esgotos – vai nos ajudar. Vocês sabem qual é o problema mais sério que vocês têm aqui? O problema mais sério... Eu trouxe os engenheiros aqui, mas não tem ninguém aqui da nossa subprefeitura. Não tem, né? O Cuca não está aí, o Leandro não está aí. (Ininteligível.) ...está aqui, porque eu levei o Cuca, eu levei o Mourão aqui dos Bertaco. O dia que nós fizemos uma briga com os Bertaco, por causa daquela vala, que tem ali, que vai sair, passa pelo Bertaco, vai passar lá pelo Beco do Sabino e vai acabar lá na minha região, vocês não têm mais... (Ininteligível.), porque eles criam, a vala deles é pequena, vocês têm que alargar aquela vala, afundar aquela vala e não deixar fazer taipa como eles fazem para aguar as lavouras e as gramas deles. Entendeu? Eu lutei várias vezes por aqui. Quando eu comecei com a Equatorial aqui, que era para ser R\$ 33,00 os postes; alguém se meteu e botou para R\$ 54,00. Eram 24 vezes e foram 12 vezes. Mas não deixe sempre de ajudar. Quando as tuas coisas estavam lançadas, que os outros vêm se meter, sem te ajudar em nada, eu retiro o meu cavalo e vou embora. Eu tenho várias pessoas aqui que são meus amigos, que eu ajudei, principalmente, há tempo que eu conheço a Dona Alzira. O Quintana pode ser um cara que está me ajudando lá, vocês vão lá na minha rua, na minha vila, onde eu estou morando, porque eu me mudei para lá, para o nº 6005. O Quintana, o Morô, o Giovanni. Quando o Melo chegou lá, ele perguntou para mim, e aí Vieira? Eu só vou fazer campanha para ti, Melo, se vocês aceitarem o Giovani que está me ajudando também. Vesti a camiseta do Giovani e vesti a camiseta dele, e fiz campanha para ele, e ele ganhou nosso voto para caramba lá.

O pessoal do DEMHAB também está aqui, eu estou cobrando deles lá, que nós também temos a questão do nosso Reurb para fazer, várias coisas, a duplicação da Juca Batista, que nós vamos fazer, também que nós temos que fazer a indenização daquelas pessoas, nós contamos com todo mundo. Então, Dona Alzira e vocês todos aqui, vocês apostem nesse pessoal que está aqui, com certeza, eles vão nos ajudar. Eu vou te cobrar essa, Quintana, tu és meu parceiro. Ele é meu parceiro mesmo.

SRA. ALZIRA BARBOSA: Eu queria só fazer um pedido para o prefeito, para botar os motoristas um pouquinho mais educados, que eles não têm respeito com as pessoas de idade. Eles já me derrubaram dentro dos ônibus, eles me deixam nas paradas, entendeu? Então, a gente tem problema. Então, que eles botem umas pessoas mais educadas, que queiram trabalhar e que queiram respeitar os idosos. Muito obrigado.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado.

SRA. CAROLINA RODRIGUES: Boa noite, meu nome é Carolina. O relato que eu tenho a fazer é sobre a inundação do beco da gente. Os esgotos transbordam, a minha casa é uma, o esgoto transborda, fica fezes dentro do meu pátio. Eu tenho uma filha de 11 anos, tenho o meu esposo, que é cadeirante. Muitas das vezes, eu não consigo ir a uma consulta com ele, eu tenho que cancelar as consultas, por causa da cadeira de rodas porque eu não tenho como passar na água: ou eu ir, com a água até a cintura, fazer a consulta do meu esposo, ou pedir para alguém no posto trazer um remédio até ali embaixo, para eu poder pegar. Então, isso aí, para mim, já está uma humilhação, entendeu? Tanto para mim, como para a comunidade. Então, a gente quer solução e que vocês encontrem uma solução para ajudar a gente. Quando eu vim morar aqui, eu tinha 7 anos, eu estou com 28 anos e nada foi resolvido aqui. Só piora. E é esse o meu relato que eu tenho essa noite para fazer.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Obrigado, Carol. Antes de nós passarmos para as falas das secretarias, só ouvir aqui o senhor que se inscreveu também, eu só não peguei o nome. É a última inscrição, gente, depois vamos ouvir aqui o retorno do governo.

SR. CLAUDIOMAR GOULART DOS SANTOS: Boa noite. Eu moro na Oscar Ferreira Duarte, faz divisa aqui do pessoal todo que estão para tirar. Veio oficial, veio polícia para tirar todo o pessoal daqui. São mais de 30 famílias, mais de 30

famílias. Vocês podem vir de dia e entrar ali na invasão, entendeu? Aí, o que os bonitos querem? Só porque têm dinheiro, querem tirar os pobres daqui, e a gente não tem para onde ir. Onde é que eles vão meter todas essas famílias? Mesma coisa, o prefeito, cadê o Melo, que nunca entrou no Beco do Buda? Pergunta para alguém se um dia ele entrou no Beco do Buda. Ele nunca entrou no Beco do Buda. O Beco do Buda sempre foi esquecido. A minha rua, ali mesmo, é uma. Agora, há pouco tempo, eles arrumaram, porque, para passar, era só de trator, nem a pé não dava para passar, entendeu? Esgoto, tem esgoto da principal que entra para o meu pátio. Quando chove mesmo, não dá para aguentar, vai lá em casa. A minha casa fica no baixo, todo mundo sabe.

Então, o que eu quero? Que vocês, já que estão aqui, que nos ajudem, deem essa força para nós. Como o ônibus, aquela sanga que tem ali embaixo, quando enche, qualquer chuvinha dá enxurrada, por quê? Caminhem ali que vão ver, é tudo entupido. Eles passaram coisa ali, passaram máquina, enterraram tudo, mas os canos, que é o principal, desarrancar e botar os canos mais altos e afundar mais, isso eles não fazem. Não adianta, amanhã ou depois, em três, quatro dias de chuva, vai alagar tudo de novo. Então, o pessoal vai tudo ficar enterrado. Entendeu? É isso aí que eu queria falar. Obrigado.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Eu acho que as representações do governo não se importariam de eu só permitir À Gabriela, presidenta da associação, resgatar aqui as anotações que a associação fez das demandas trazidas pela comunidade. Então, vou passar rapidinho para a Gabriela, antes de distribuir as palavras para as secretarias.

SRA. GABRIELA RODRIGUES GARCIA: Bom, como representante da comunidade, quero fortalecer, na verdade, a fala de cada um, as demandas e as necessidades que nós temos aqui, que são urgentes, e é o que a gente vem sofrendo há anos. Eu sou moradora há mais de 30 anos aqui, e não é de agora que a gente tem vivido essa questão de enchente, esgoto aberto e outras coisas. Saneamento básico, a gente precisa de limpeza e manutenção, fortalecendo, a

questão das valas quando enchem. Mas precisamos de um projeto de drenagem e, como o irmão Marcos falou, o levantamento topográfico. Outra questão também da falta de água, que o pessoal tem vivido. Na verdade, eles moram aqui há uns dois, três meses, mas eles estão sofrendo há mais de um ano ali dentro. A questão da água, sem água mesmo. O que nos salva é essa água aqui, que eu digo que fomos abençoados pelos americanos, e aí o pessoal vem aqui e abastece, porque a água é terrível. Às vezes, eu até coloco no grupo: “ó, pessoal, não dá para beber a água, e cuidado com a água para poder fazer a comida”, porque a água vem marrom. É triste de ver, lamentável. Nós também temos a questão da coleta do lixo, o descarte adequado. Se possível, implantação de pontos de coleta, implantação de pontos de coleta do lixo regulares e acessíveis, porque a gente não tem. A gente improvisa, larga as sacolinhas ali em cima, mas os cachorros e o gatos rasgam. É uma vergonha. Os lixeiros, às vezes, passam e pegam por cima. Tem também a questão do Bota-Fora, se não me engano; eles passam uma vez por ano, eu acho que poderia ser algo mais frequente, mais seguido, que acontecesse essa questão do Bota-Fora.

Questão da iluminação pública: a instalação e manutenção da iluminação e de todos os acessos das ruas, visando a maior segurança para os moradores. A gente precisa de uma iluminação aqui nesse lugar, porque algumas partes têm luz, mas outras não, principalmente os acessos. Precisa de iluminação. Quanto à questão da luz da Equatorial: realmente, a conta vem muito alta, a minha vem mil e pouco, e de outras pessoas que também relatam ali no grupo. E sem contar a caixa da minha vizinha – cadê a dona Silvana? –, que está lá derretida. A luz dela vem alta, e como ela não paga, porque vem alta, eles não querem nem vir olhar. Foi feita uma reclamação. O meu pai mora lá na ponta, se alguém quiser passar lá e ver, vai ver a caixa dele aberta, um perigo aqueles fios, com as pontas para fora, um perigo as crianças encostarem e serem eletrocutadas. É uma pouca vergonha. E a gente precisa do apoio de vocês, a gente precisa que vocês sejam a nossa voz.

Quanto à questão do transporte público: ampliação dos horários do ônibus, direto para o centro, evitando a necessidade de baldeação. Disponibilização de ônibus para transporte de estudantes, professores da Escola Pedro Américo, especializado para quem reside no bairro distante, para reduzir faltas e melhorar a frequência. Essa questão do ônibus é terrível. Eu falo pela minha filha também, que trabalha ali em Ipanema, e fica das 10h30min até às 11h15min, esperando o A19; ela pega o Belém Novo, desce, e fica ali na parada até às 11h20min para poder vir o A19, para poder ir embora, o que é um perigo. E não só ela, são outros adolescentes que também trabalham aqui, trabalham no mercado, fora. É bem difícil, a gente fica horas na parada. É lamentável essa situação.

Reforçando também que nós precisamos e almejamos, eu acredito que é o sonho de todas as mães, ter uma creche comunitária naquele lugar. Por anos, eu sofri levando os meus filhos, a pé, na Escola Cantinho do Sol e na Escola Ananda Marga. Quem me conhece, sabe que eu levava os meus filhos a pé, de manhã cedo, às 7h da manhã, ou, às vezes, eu até pedia carona no ônibus e eles me davam. E quando eu vinha, eu vinha com eles a pé, com eles brincando – né, mãe? Nós vínhamos, às vezes, com eles brincando, a pé, mais de 40 minutos caminhando. É uma coisa que a gente vem sofrendo há anos, que a nossa comunidade precisa, precisa ser olhada, precisa ser vista. Nós não somos moradores recentes, somos moradores de anos, 30 anos, as mães precisam trabalhar, as creches estão lotadas lá. A minha outra filha inscreveu o filho dela, mas não ganhou uma vaga, está na lista de espera. Tem muitas mães aqui que estão precisando de uma vaga. Às vezes deixam de pegar um emprego porque não tem com quem deixar. Então, tem coisas que a gente precisa da ajuda de vocês que estão lá. A questão da água, a questão da luz, uma creche para esse lugar, nós temos que... Eu não aceito mais, eu acho triste, os filhos, a gente, ter que estar passando no esgoto, na merda. Na merda mesmo, literalmente na merda, sabe? É Deus que guarda, eu digo, os nossos filhos não têm leptospirose, porque é Deus que guarda. Porque é pela merda e pelo mijo que a gente tem que passar quando enche tudo de água. É uma vergonha. Eu quero, rapidamente, passar para o Sr. Diego, para que ele tenha uma fala.

SR. DIEGO TAVARES: Boa noite, eu só queria reforçar uma demanda que eu acho muito importante para a comunidade. É uma demanda de saneamento básico, porque eu acredito que, simplesmente, limpar os valos da comunidade não vai resolver o problema. É um sistema paliativo que é feito há 20, 30 anos, mas nós precisamos fazer um levantamento topográfico de drenagem para essa comunidade, para que seja feito um projeto que condiz com a demanda dessa comunidade. Eles precisam, e vocês, como secretários, têm que viabilizar esse levantamento topográfico para que seja feito um projeto de drenagem para esse local, não mais somente um sistema que é paliativo, ano após ano, mês após mês, porque sem esse sistema de drenagem eles não vão conseguir o asfalto que é tão desejado. A gente tem que entender que são etapas que têm que ser respeitadas, e a primeira etapa delas é que seja feito esse levantamento topográfico, para que seja feito um projeto de drenagem. Com esse projeto de drenagem, eles vão ganhar a drenagem, e ganhando a drenagem, eles vão conseguir o asfalto para a comunidade. Então, são coisas que são fundamentais, e, principalmente, a regulamentação fundiária. A regulamentação fundiária tem que ser algo que tem que ser lidado com urgência para essa comunidade. Pessoas estão tentando tomar posse das terras que são delas por direito, e o governo tem que se importar com essa demanda, que seja feito esse levantamento para que seja feita a regulamentação fundiária dessa área aqui, para que eles possam dormir com segurança e com dignidade, como todo cidadão brasileiro e porto-alegrense têm o seu direito. Então, que vocês olhem com carinho para eles, que vocês possam ajudá-los a implementar uma creche comunitária, porque hoje eles têm uma associação bem fundamentada, e com isso o governo tem a possibilidade de ajudá-los, junto à FASC. A FASC tinha que estar aqui hoje para poder ajudá-los a fazer essa creche comunitária, liberando recursos; a SMED também – a SMED e a FASC juntas, entenderam? Então, a gente tem que olhar eles com respeito porque eles têm dignidade, sim, eles têm direito, via governo, de demandar, entenderam? E eu estou aqui como conselheiro deles, eu vou ajudar eles a demandar no Orçamento Participativo,

porque não vai parar nessa reunião aqui; nós vamos adiante, junto ao Orçamento Participativo, ao gabinete do prefeito, até a Câmara de Vereadores, cobrar os direitos dessa comunidade, como todo cidadão dessa cidade tem direito. Muito obrigado.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Obrigado.

SRA. GABRIELA RODRIGUES GARCIA: Eu quero agradecer a cada um de vocês que estão aqui nos ouvindo, mas que vocês não venham nos (Ininteligível.) dar uma resposta, que é o que a gente precisa também nessa noite. Obrigada.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Gente, eu quero muito pedir que todo mundo fique até o final. Eu sei que às vezes a gente tem o nosso compromisso familiar, mas a presença de todo mundo até o fim é importante para a gente encaminhar a reunião. Gente, se eu perguntasse para vocês se a cidade é justa, eu tenho certeza que a resposta de vocês é que não é. E de fato a cidade não é justa, e não é só Porto Alegre, eu preciso ser sincero, mas esse é o nosso canto do mundo – eu posso falar sobre Porto Alegre. Nós estamos aqui no Extremo-Sul da cidade, se a gente olha, meninas, para a Restinga, como que surgiu a Restinga? A Restinga surgiu com a expulsão do nosso povo mais pobre da região central da cidade, que foi mandado aqui para o Extremo-Sul. Foi assim que surgiu a Restinga. E por que eu dou esse exemplo? Porque isso explica muito da cidade injusta e desigual que a gente tem. Essa desigualdade tem uma origem lá no passado e se mantém viva no presente. Eu acho que aqui é importante todo mundo saber o papel de cada um. Nós estamos aqui com o governo, secretarias que eu já apresentei. Eu sou presidente da CUTHAB, que é da Câmara. O papel da Câmara é o quê? É representar, é dar voz. Por isso que a gente trouxe a CUTHAB para cá – o nosso papel também é fiscalizar. O papel do governo é executar – na nossa linguagem popular é quem tem a caneta na mão. É importante que vocês saibam... Bom, eu sou um vereador de

oposição, mas eu entendo também que a eleição passou. E para vocês não importa quem é a oposição, quem é a situação, o que vocês querem saber é se as coisas vão ser feitas ou não. Então, por isso que eu me sinto na responsabilidade de, ao lado de vocês, atuar intercedendo na interlocução, junto com o governo, que é quem tem o poder de decisão para que as coisas aconteçam. Eu preciso ser sincero com vocês, é evidente que situações como a do Beco do Buda existem em outros lugares da cidade também. Dá para fazer tudo da noite para o dia? Não é porque eu sou de oposição que eu vou chegar aqui e vou dizer para vocês que o governo pode fazer tudo da noite para o dia. Agora tem uma questão, gente, pela qual quero lutar ao lado de vocês, que é uma questão do quê? O que vai ser prioridade. A minha crítica, muitas vezes, é que a prioridade dos governos, e daí não é só o governo de Porto Alegre, na minha opinião, o de Porto Alegre também, é que muitas vezes a prioridade está nos mais ricos e não na gente. Vamos ver a situação aqui, eu não vou chamar de invasão, para mim é ocupação. Às vezes, em nome da lei, bate a polícia, chegam as máquinas para tirar a ocupação do lugar, em nome da lei. Mas quando é para atender os interesses dos mais ricos, se tiver que mudar as leis para atender os interesses dos mais ricos, até as leis eles mudam. Então eu estou aqui apresentando para vocês quem eu sou e como eu penso o mundo, que vocês saibam qual é o meu papel e qual é o papel do governo. Eu acho que as reivindicações estão nítidas quais são. Eu quero mais uma vez agradecer a presença do governo aqui. Claro que é responsabilidade, é obrigação do governo estar aqui também, é obrigação da Câmara, por isso que vocês não precisam agradecer, mas por vezes isso não acontece. Então, eu acho que é um bom início do trabalho da associação. É evidente que esse é um início do trabalho, é o pontapé, é o início da partida. Nós não vamos terminar tudo aqui, mas para o que eu vou falar agora eu queria pedir muita atenção, gente; o que eu queria agora na fala das secretarias, e eu mesmo fui o porta-voz de dizer que sei que não dá para resolver tudo do dia para a noite, e a comunidade sabe disso, só que a gente tem a sensibilidade com as falas que vieram da comunidade. O que foi dito aqui foi um pedido de socorro! A gente sabe que não dá para fazer do dia

para a noite, mas não dá para ser também mais 20 anos das pessoas sem ter água na torneira e sofrendo com alagamento. Então, dito isso, gente, eu queria passar talvez primeiro para o DMAE, e quando eu passo aqui para o DMAE, vocês me corrigem, gente, mas o direito à água na torneira é um direito humano; então, quero reforçar em tom de apelo, compreender como é que está, se o Beco do Buda está contemplado nas previsões de adequação do fornecimento de água pela Prefeitura; se não tiver, o nosso apelo é para que entre na previsão de obras. Eu acho que se a gente saísse daqui com o compromisso do DMAE de incluir o Beco do Buda, já seria uma grande vitória da reunião. Então, ouvir o DMAE sobre isso; bom, eu acho que as demais secretarias anotaram aqui as questões, Secretaria Municipal de Obras e Infraestrutura, Secretaria Municipal de Serviços Urbanos, tem a questão dos alagamentos, tem do patrolamento da rua, a questão da ocupação com o DEMHAB. Eu queria pedir para a gente passar, para a gente ouvir, depois, se a gente tiver no finalzinho mais um tempo, a gente passa para ti, porque a gente ouviu mais de dez manifestações da comunidade, está bem? Então, passar em primeiro lugar para o DMAE, depois a gente distribui para a Secretaria Municipal de Obras e Infraestrutura, Secretaria Municipal de Serviços Urbanos, bem como o DEMHAB, está bem? Obrigada. A diretora Isabel está com a palavra.

SRA. ISABEL COSTA: Boa noite pessoal. A minha fala vai ser breve porque a gente tem um tema que é o norteador dessas reivindicações que vocês têm. Claro que a gente compreende, e a nossa vontade é sempre de ajudar. Nós somos servidores públicos, o Quintana e eu, de carreira. Eu trabalho na prefeitura há 12 anos, o Quintana há 7 anos, e a nossa vontade é sempre de ajudar; só que a gente tem limitações, limitações legais. Os vereadores têm um papel importantíssimo para a cidade, porque eles fazem parte do Legislativo; quem lida com a lei são os vereadores. Então, eu acho que vocês têm aqui um grande aliado de vocês que pode ajudar a comunidade. Então, o que acontece? Muito ouvi falar aqui de regularização fundiária, e isso é o norteador das nossas ações. O DMAE tem essa limitação da propriedade, da posse do terreno. Então,

vocês têm um macromedidor, aquela tubulação, tem uma casinha um pouco mais adiante, na qual chega uma tubulação do DMAE. Só que o DMAE, no momento em que tem essa questão de necessidade de regularização da posse dos terrenos, ele se vê inviabilizado de instalar um ramal para cada casa. Então, a mesma coisa acontece em relação ao esgoto. Por quê? Porque o esgoto é uma consequência do abastecimento de água. A gente só tem esgoto se tiver água; o esgoto é uma consequência do consumo de água. Então, eu acho que a fala principal aqui dentro é do DEMHAB. Quem é o DEMHAB aqui? (Pausa.) A primeira questão é a regularização. Depois da regularização, vem, por consequência, o saneamento.

Quanto a essa questão dos alagamentos, que foi falado aqui pelo Sr. Vieira, do campo aqui do Bertaco, a gente ficou sabendo recentemente dessa situação; a gente já entrou em contato com a Patrulha Ambiental para verificar a situação, que é bem importante. O que acontece? Um arroio tem vários leitos. O leito normal, por onde corre água sempre, e o leito de inundação. Se existe, em algum momento, um impeditivo para ele correr livremente, ele acaba se expandindo e usando o leito de inundação, que é isso que o Sr. Vieira estava explicando. Quanto à pavimentação e drenagem, tivemos a fala do senhor em relação à topografia, e também foi falado aqui no Orçamento Participativo... Drenagem e pavimento andam juntos, sempre. A gente tem inúmeras localidades na cidade que os conselheiros levaram as demandas para as reuniões do OP; as demandas foram aprovadas, chegaram para as secretarias, e a gente tem trabalhado nisso. O que acontece? Quando a demanda é aprovada pelos conselheiros, ela vai para as secretarias para a elaboração de projeto, e é ali que entra a topografia. A topografia nada mais é do que estudar a superfície da área; então, ver para onde vai direcionar aquela água da chuva.

É isso o que eu tenho para dizer. Acho que a fala mais importante de todas aqui é a do DEMHAB; essa questão da regularização fundiária, que é o ponto que dá início a todo o resto. Pessoal, obrigada.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Isabel, não sei se o Quintana pretende falar. Acho que o DMAE está contemplado. É isso, Quintana?

SR. PAULO QUINTANA ALVES: Boa noite a todos. Eu não gosto muito de falar, mas, em função de o Vieira ter enchido a minha bola, acho que tenho que dar uma satisfação. Bom, eu já passei pelos problemas de vocês. Hoje, eu sou engenheiro, trabalho na Prefeitura, mas, quando eu era criança, quando eu tinha seis anos, a água chegou na minha casa, e eu lembro da minha mãe chorando no dia em que a Corsan, na época, lá em Rio Grande, chegou para botar os canos. Então, eu me ponho no lugar de vocês e sei o que vocês estão passando. Lá onde ela mora, hoje, não tem esgoto ainda; tem uma infraestrutura melhor, mas ainda não tem o esgoto na frente de casa. Não é como aqui, mas eu acho que a gente pode fazer alguma coisa para melhorar, sim. Não é da noite para o dia, como o vereador falou. Eu e o Vieira estamos batalhando lá faz uns dois anos – não é, Vieira? E a gente começou no lugar que tinha uma vala com esgoto a céu aberto.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. PAULO QUINTANA ALVES: E ontem asphaltaram mais um trecho da rua do Vieira. Então, vocês vão ter que ter paciência. A gente vai tentar atacar os locais que têm mais problemas até chegar, talvez, quem sabe, o dia em que vocês tenham asfalto, como o Vieira conseguiu lá. Então, não vou abandonar vocês, com certeza vou tentar ajudar, vou deixar meu telefone com a Gabriela, e aí na semana que vem eu venho já para fazer uma vistoria no problema maior que tu tiver aí, o maior, para a gente tentar começar pelo maior, e aos pouquinhos a gente vai tentar resolver as coisas. Se o Vieira quiser vir junto.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. PAULO QUINTANA ALVES: É, isso a gente tem um outro assunto. Além do problema do Bertaco, eu não lembro se é a primeira rua ou a segunda rua, tem algumas casas que elas estão construídas praticamente dentro do arroio. Então, a construção daquelas casas causou estrangulamento do arroio, e a gente não consegue entrar com uma máquina para fazer a limpeza. Se a gente entrar com a máquina para fazer a limpeza, provavelmente o barranco vai cair e a casa vai cair dentro do arroio também. Então eu peço para vocês que olhem para os vizinhos, e quando tiver alguém construindo próximo de uma vala ou próximo de um arroio, alertem: não construa porque vai dar problema. O ideal hoje é que aquele arroio que passa ali, ele tivesse pelo menos o dobro da largura. E a gente não consegue fazer isso porque as construções atrapalham.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. PAULO QUINTANA ALVES: Sim, não são os únicos lugares, Vieira, em toda região sul, deve ter pelo menos uns sete ou oito arroios que estão na mesma situação. E a gente, às vezes, não consegue nem limpar, tem que fazer uma limpeza manual, uma catação que a gente fala, que é tirar o lixo com a mão ou cortar alguma árvore caída com a motosserra, porque a gente não consegue entrar com uma máquina que seria o ideal. Então, por mais que a gente faça um grande trabalho aqui, a gente pode ter problema no escoamento final, que é lá no arroio. Então, o Vieira, com todas as obras que a gente fez lá com ele, ele está ciente de que o problema dele é o arroio do Salso, que quando o Salso sobe ninguém segura ele. É isso, Vieira? Tá, pessoal? Então, meu telefone vai ficar com a Gabriela e a gente vai conversar depois.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Perfeito. Só para eu entender bem, Quintana, porque eu acho que isso compõe os nossos encaminhamentos, tem a disposição de uma vistoria aqui, na comunidade, durante o dia, no ponto mais crítico, para pensar medidas possíveis. Semana que vem, viu, Gabi? Semana que vem uma vistoria, daí a gente construir uma

data para ser uma vistoria do DEMAÉ, acompanhada pela Associação, a CUTAB também vai estar presente para acompanhar os trabalhos. Sei que a fala do DEMHAB, de fato, é muito aguardada, mas, para a gente manter uma mesma linha, quero passar para a Secretaria de Serviços Urbanos e depois para a Secretaria de Obras.

SR. RODNEY GUTERRO JUNIOR: Boa noite, meu nome é Rodney, sou secretário Ajunto dos Serviços Urbanos, estou com o encarregado aqui, o Fernando, da região. Sobre a minha Secretaria, foi falado sobre o patrolamento. Eu lembro que em 2020 ou 2021, eu fiz umas ações sociais aqui, o Vieira estava junto na época, numa associação, a gente veio e conversou, e o Vieira me levou até a Secretaria de Serviços, que eu me lembro que era com o Vitorino, tinha conversado, para fazer o primeiro patrolamento que tinha aqui, porque não entrava máquina aqui. Aí teve a questão dos fios, a gente conversou uma, duas vezes, Vieira, não dá, porque a patrola não entra, os fios são muito baixos. Depois de muito conversar, muito de conversar, em 2021, entrou a primeira patrola aqui, a gente começou a fazer um patrolamento. Antes demorava muito mais tempo o patrolamento, porque a patrola saia lá da Restinga, para vir até aqui, saia umas 11 horas, voltava para almoçar e depois de tarde retornava para cá. Então era horrível, né Vieira? Reclamava bastante na época. Em 2023, ali na Jaques da Rosa, a gente fez um zonal de patrolamento. O que aconteceu? Facilitou todo o patrolamento na região. Pessoal, todo mundo sabe que o Extremo-Sul, as ruas, são de chão batido. Então o que acontece? A gente tem uma programação, a gente começa com prioridade em linha de ônibus, só que, quando a gente está lá terminando a programação, quando volta a chover, a gente tem que retornar para começar tudo de novo com a questão de ônibus. Às vezes acontece de 30, 40 dias aqui na rua, ficar sem patrolamento, mas sempre tem uma programação, certo? O que foi conversado aqui? A questão de patrolamento pessoal e alagamento são coisas diferentes. Eu não posso deixar de fazer um patrolamento, numa comunidade como essa, para não deixar daqui

a pouco uma ambulância, ou bombeiros entrarem aqui, com a possibilidade de buracos. Não, eu confesso, pessoal, nós tivemos...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. RODNEY GUTERRO JUNIOR: Pessoal, a gente teve problemas agora com a calamidade, tá? A cidade foi alagada, a gente atrasou, mas entre 2021... A partir de 2021 teve uma melhora no patrolamento da região. Não, acho que não é uma vez por ano. Tudo bem, tudo bem.

Pessoal, a questão é a seguinte, pessoal. O ano passado, final do ano passado, que foi inaugurada a zonal aqui do Extremo-Sul, na Jaques da Rosa. A partir dessa zonal nova, as patrulas ficaram aqui na zona sul, no Extremo-Sul, o que facilitou o deslocamento da região. Claro, não é o perfeito, não estou dizendo que é a melhor coisa do mundo, mas a gente está melhorando, espera melhorar, tá bom? Questão da iluminação pública. Gabriela, cheguei aqui agora e olhei os postes da CEEE. O que acontece? A CEEE, por conta própria, começou a colocar luz nas comunidades, só que ela não comunica à Prefeitura. Ela chega, colocou lá na Vila Nova, na Restinga, colocou em outro lugar na Restinga, colocou no Extremo-Sul, eles vêm e colocam o poste, porque eles querem cobrar, né? E depois a comunidade pede para nós a iluminação pública. Eu já falei com o pessoal da CIP lá, da IPSul, não tem projeto aqui da rua, mas a partir de amanhã, já estou entrando em contato com eles, a gente vai começar um projeto para colocar iluminação pública em todo o Beco do Buda aqui, tá bom? É um compromisso. Qualquer coisa eu retorno, eu passo para a comunidade. Fernando, quer dar uma palavrinha? Fernando é o encarregado, servidor da casa, ele cuida das patrulas.

SR. SR. FERNANDO CRISTIANO DA ROCHA: Pessoal, assim, depois que a gente veio para cá, sou funcionário de carreira...

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Gente, só vamos retomar aqui a atenção, vamos ouvir um minutinho o companheiro, depois a gente segue as falas aqui.

SR. FERNANDO CRISTIANO DA ROCHA: Sou funcionário de carreira há 37 anos, vim do Pinheiro para comandar o pessoal aqui, com autorização dos secretários, só que é assim aqui, tudo que eu botar aqui, eu botei fresado, aquele asfalto moído, cadê? Como não tem escoamento, o chão, ele some, parece que tu não botaste nada. Viemos umas três, quatro vezes. Se chover uma semana, eu tenho que ficar duas até a água baixar. Aí como é que eu vou trazer a patrola? É esgoto correndo a céu aberto ali; eu o sei que vocês estão passando.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FERNANDO CRISTIANO DA ROCHA: Exatamente, só que mesmo que chova, a gente daqui para frente vai começar um trabalho mais frequente com vocês, e isso é uma promessa. Vocês vão dizer, vão botar material de novo fora. Botamos quantas vezes for preciso. É isso aí.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Obrigado. Vou passar a palavra para a Tatiana, que é da secretaria de obras, e eu acho que é importante, Tatiana, saber se existe na Prefeitura algum tipo de projeto mais estrutural para a região, em especial aqui para o Beco do Buda.

SRA. TATIANA TOMASINI LINHARES: Boa noite a todos. Meu nome é Tatiana, eu sou assessora comunitária da secretaria de obras, então já conheço algumas pessoas, da duplicação da Juca, que tu estiveste lá. Eu tenho algumas falas pontuais, primeiramente agradecendo ao vereador, que é sempre importante para mim, como assessora comunitária, entender um pouquinho mais. Escutei a

fala de cada um, de todo o coração, assim. Verifiquei algumas demandas, elas não são de nenhuma das secretarias que estão aqui, porque faltou SMED, FASC, DMLU, que é a questão do lixo, mas as que estão mais presentes na nossa secretaria estão bem visíveis nas colocações de cada um de vocês, que é a questão de saneamento, drenagem; e faltou a EPTC também, no caso que eles falaram muito de ônibus, de paradas de ônibus.

Então, o que eu tenho a falar? Assim como a colega do DMAE falou, a secretaria de obras, como bem falado, vereador, ela é uma secretaria de grandes obras, obras de maior porte, não são obras de serviços urbanos, mais de zeladoria. Então, as obras funcionam por projeto, primeiramente. Então, esses projetos, demandam em torno de, primeiramente, uma licitação, valores, em torno de 12 meses, pelo menos, para fazer um projeto, dependendo do grau de um projeto. Agora, aqui, por exemplo, como tem um arroio, um pouco diferente também. As obras em si, após o projeto ser feito, daí sim as obras podem começar a serem feitas. Mas, para isso, nós estamos falando aqui de 700 metros, mais ou menos, de via, R\$ 6 milhões o quilômetro quadrado. É isso, em média, uma licitação da secretaria de obras, o que custa uma obra.

Então a gente fala também as obras por via do Orçamento Participativo, que elas são solicitadas, que é muito mais fácil. Inclusive a gente está fazendo o acesso da Guto Pereira, aqui, que é uma das obras do orçamento. Ela já está pronta, é uma obra que custa, agora, para a obra em si, um custo médio, base em julho de 2024, de quase três milhões. Eu creio que deve ter meio quilômetro ali. Imagino que seja. Então, assim, as demandas, elas, sim, por via de OP, elas têm mais facilidade de serem incluídas. Também a questão da obra, a questão da emenda parlamentar é de suma importância, dos vereadores, dos deputados, da comunidade também ter esse contato com os vereadores para conseguir ter um deputado, porque a gente está falando de valores bastante expressivos para fazer uma obra de infraestrutura. Essas obras de infraestrutura, elas são com o DMAE, e o maior ponto dessa situação, nós temos diretrizes. E, para fazer uma obra de um porte desse, nós precisamos de uma área regularizada. E é onde cai o que a gente estava falando, o que a colega falou agora, e a regularização, o

cadastramento da rua. Não o cadastramento, como nós vínhamos falando, o Rodney e o Felipe, o cadastramento não é só apenas o nome da rua, é o cadastramento via SMAMUS – Plano Diretor. E foi uma das secretarias que eu até conversei com o Daniel Barres, que eu achei de suma importância para estar presente aqui hoje, eu até coloquei a SMAMUS, porque eles têm as diretrizes do Plano Diretor, que é assim que acontece para a gente. A gente não, por mais que a gente queira se colocar, queira fazer, queira doar mais, e é a nossa premissa querer fazer pela comunidade, e eu estou falando da secretaria de obras que hoje tem uma média de, tem as suas 18 vias, mais as 14 vias, mais as 14 mais duas, e tem mais 22, então a gente está com uma média de quase 100 projetos, alguns já prontos das 14 vias, mas, assim, só de projeto. Mas projetos para depois, futuramente, uma obra que é de um custo extremamente alto.

Então, assim, eu acho que, num primeiro momento, a gente tem todas essas questões que vocês levantaram e de suma importância são; eu imagino, a gente verifica a dor de cada um, que se torna a dor de uma comunidade inteira, do que vem vivenciando, mas também a gente tem leis, a gente tem que seguir diretrizes. Eu acho que pós essa regularização tudo se tornará muito mais viável de a gente começar a conversar sobre as possibilidades de um projeto. Porque, pela secretaria de obras, sim, primeiro tem uma licitação, um projeto, para depois, posteriormente, uma licitação para uma obra.

Eu agradeço a todos, espero, se alguém tiver alguma dúvida, me coloco à disposição. Vou deixar meu contato também para vocês. Qualquer demanda que precisarem ou tiverem uma dúvida, me coloco à disposição. A secretaria está de braços abertos. Quando vocês quiserem marcar uma reunião comigo e irem direto lá, estou à disposição de todos. Então, assim, vou deixar meu telefone e sintam-se em casa. Podem contar comigo e, quando precisarem, é só ligar, gente. Obrigada a todos.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Obrigado, Tatiana. Então, agora, passar para o DEMHAB, que é uma fala importante para

compreender se há previsão na Prefeitura do processo de regularização fundiária aqui na comunidade e as etapas que vêm pela frente. Muito obrigado, Luciano, a palavra está contigo.

SR. LUCIANO RODRIGO GASPARIN: Boa noite. Agora já é boa noite, não é boa tarde. Vou pedir licença para vocês para eu ficar sentado aqui, que daí eu me sinto mais à vontade para falar, senão daqui um pouco estou lá fora falando, porque eu sou italiano, fico falando também pelas mãos, e eu não paro quieto, eu vou sair correndo, falando e não paro mais. Vou falar um pouquinho sobre o processo de regularização fundiária primeiro, para tirar algumas dúvidas e esclarecer algumas coisas que eu vejo que tem muita confusão sobre o processo de regularização fundiária, e isso é por toda parte, dentro da Prefeitura, entre os moradores. O que é o processo de regularização fundiária? Ele engloba várias etapas, várias partes da sociedade, várias partes de estruturas da sociedade e do governo. O que engloba regularização fundiária? Engloba soluções urbanísticas, engloba soluções sociais, soluções ambientais e soluções jurídicas, certo? Sem a gente juntar, resolver esses quatro problemas aqui, a gente não conclui uma regularização fundiária. Uma regularização fundiária, para vocês terem ideia, em média, uma tranquila, digamos, uma comunidade que já tem a infraestrutura, já esteja consolidada há anos, com o seu crescimento congelado, dificilmente a gente consegue concluir uma regularização fundiária, desde o início, que é a topografia, até o final, que é a entrega das matrículas, em menos de cinco anos. É um processo lento, é amoroso, é desgastante, depende do envolvimento do Município, dos órgãos públicos e da comunidade. É importante que a comunidade esteja organizada, e isso eu estou vendo que aqui a comunidade está organizada, através da sua associação, e isso me parece que está andando bem, já é um começo muito importante para todo esse processo. Então, vamos lá, voltando às etapas aqui. Vou pela jurídica primeiro, que me preocupou aqui a fala do senhor de chapéu – sou péssimo para guardar nome, peço desculpa novamente aqui – que falou que tem uma área aqui onde as pessoas estão correndo o risco de serem retiradas. O primeiro quesito para

fazer a regularização fundiária, a ocupação tem que ser mansa e pacífica, não pode haver objeção daquela ocupação. Me estranha também ter aparecido pessoas querendo tirar, porque esse é um processo judicial, ele acontece via justiça. O juiz tem que autorizar que o proprietário vá lá e retire as pessoas, através de vários critérios. E até chegar a essa decisão do juiz, ela passa, em Porto Alegre, se tem o costume disso, não vou dizer que 100% dos casos acontece, mas eu tenho visto que é o costume aqui do Município, e acontece na maioria dos casos, pelo menos, passar por uma câmara de conciliação do judiciário, onde está a Defensoria, está o Município, estão os moradores, estão os proprietários. Onde a primeira coisa que se discute é a possibilidade de permanência dos moradores que ocuparam a área que estão ali morando. Aí provavelmente o proprietário vai querer uma indenização, enfim, e tudo isso é discutido nessa câmara de conciliação. Antes de haver essa discussão, não se pode haver um mandato de reintegração, do meu ponto de vista. Se isso está acontecendo, acho que vocês têm um advogado que está falando com vocês, talvez até a utilizar a Defensoria Pública, provocar que o processo vá para essa câmara de conciliação, que é o Cejusc – Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania –, porque vocês têm o direito que haja essa discussão da permanência de vocês, certo? Antes de resolver essa questão da posse, a gente não pode nem falar em regularização fundiária, porque é o quesito número um. Pelo que eu entendi, não é toda a área, é uma parte da área que tem esse imbróglgio em relação à posse, essa contestação de posse. O restante já está consolidado, pelas falas, está há mais de 20 anos. Então não tem mais questionamento sobre a área. Se poderia dar início ao processo de regularização. O processo, como é que se inicia? Através de um levantamento topográfico, que já foi bastante falado aqui. Como é que a gente faz o levantamento topográfico? O Município precisa ser demandado, e essa demanda vem através do Orçamento Participativo, que é a ferramenta de planejamento comunitário do Município. Uma ferramenta boa que a gente precisa batalhar que ela funcione mesmo e tenha a sua utilidade como tem que ser, o Orçamento Participativo. De outras formas, através de emendas,

municipais não, porque tem a questão do prazo. A gente não pode, para regularização fundiária, não dá para ser emenda municipal, porque emenda municipal tem que ser utilizada em um ano, e eu aqui já falei, no mínimo cinco anos para regularizar uma área. Mas emendas federais, estaduais, é possível. Aí tem que ter algum deputado, alguém que destine, ou algum programa federal ou estadual.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. LUCIANO RODRIGO GASPARIN: Não, enquanto treinada ali no DEMHAB – Departamento Municipal de Habitação – se tiver antigo...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. LUCIANO RODRIGO GASPARIN: Tranquilo, realmente, eles precisam fazer essa demanda, talvez não da regularização fundiária neste momento, mas, sim, da topografia para a gente dar início. Como todo mundo aqui falou, parece que a regularização fundiária faz milagres. A gente precisa da regularização fundiária para resolver tudo. Mas há soluções para a gente começar a resolver os problemas. Antes de todo esse prazo, às vezes, a gente leva 20 anos para regularizar uma área. A gente não pode vir aqui também e esconder a verdade de vocês.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. LUCIANO RODRIGO GASPARIN: Com pedido de providências, a gente precisa do recurso. Por isso que a demanda vem através de OP ou de alguma fonte de recurso. Por isso que a gente falou de emendas federais ou estaduais aqui. O vereador pode fazer um pedido de providências, mas alguém do governo, o secretário, o prefeito, vai ter que dizer: “Eu vou destinar, então, um recurso

para atender essa providência.” Porque o pedido de providências não te dá recursos, pede uma providência.

Então, voltando, por que eu digo que a gente tem caminhos para resolver? Outros critérios, para a gente finalizar a regularização fundiária, eu falei que a gente tem que atender a todos os quesitos. Soluções urbanísticas, soluções ambientais, soluções sociais, soluções judiciais, jurídicas. Eu falei das jurídicas. Ambiental é quando a gente tem algum bem ambiental, a gente tem uma faixa de APP, a gente tem topo de morro, a gente tem uma nascente na área. Essa área precisa ser preservada ou a gente tem que ter uma boa justificativa para reduzir essa faixa de preservação e as pessoas permanecerem morando dentro dessa faixa. Social, são trabalhos sociais que são feitos. Isso aí seria uma forma mais tranquila de se resolver. Urbanístico, dentro do problema urbanístico, está toda a organização da área, através das suas vias e bens públicos, praças, destinações de equipamentos como escolas, postos de saúde e toda a parte de infraestrutura. Tanto que a lei diz, você só pode finalizar a regularização fundiária, dar andamento ao processo de regularização, se nessa área existir infraestrutura essencial. O que é infraestrutura essencial? Rede d'água, rede de esgoto, coleta de esgoto cloacal, que pode ser solução individual, em determinados casos, rede de energia – que pelo visto, vocês já têm, o conflito com a CEEE é outro, não de ter instalação -, e solução de drenagem, que eu acho que aqui é o que mais pega para vocês, aqui a parte mais complicada de se resolver é a solução de drenagem. Sem ter esses itens de infraestrutura, a gente não consegue avançar na regularização fundiária. Eu entendo quando os colegas dizem que a gente precisa da regularização fundiária para fazer a infraestrutura. Em certo ponto, eu concordo, porque o Município precisa de uma segurança para instalar as redes ali, porque, digamos, é uma área que está em conflito de posse, o DMAE vai lá e instala a rede d'água, a rede de esgoto, aí o proprietário ganha na justiça que ele vai pegar a área de volta e reassentar as pessoas que estão ali. Ainda por cima, ele vai pedir que o Município o indenize por ter entrado na área dele e ter instalado as redes. Essa é a preocupação quando falam que a gente precisa de regularização fundiária. Eu vou entrar

nesse ponto. Eu estou tentando construir para dizer que a gente não precisa ter a regularização fundiária concluída para começar a buscar as soluções. Por que isso? Uma, porque a lei exige que a gente tenha as redes de infraestrutura para finalizar, mas talvez o que é importante para o Município é que a gente tenha o início do processo de regularização. Início de processo de regularização é meio subjetivo. Pode ser abrir um processo, o Município pedindo, tem uma solicitação de regularização. O mais confortável é a gente delimitar o perímetro e instaurar a Reurb nessa área. Para isso, a gente precisa da topografia, daí a gente volta a instaurar a Reurb. A primeira etapa da regularização fundiária é instaurar a Reurb. A Reurb é o que a nova lei de regularização fundiária chama. A regularização fundiária dá o nome de Reurb. Fazendo isso, o Município fica mais tranquilo para buscar as soluções de infraestrutura que tem ali. Porque em algum momento a gente vai ter que buscar, antes de concluir esse processo de regularização. Não é depois que vocês têm as matrículas que a gente... Alguma coisa pode ficar para depois, mas sem ter o grosso, o básico, a gente não consegue concluir a regularização fundiária. A gente construiu com o DMAE esse ano aqui várias áreas para instalar a rede d'água. A gente pode conversar e buscar um caminho semelhante, quando há viabilidade. Aqui a gente precisa ainda solucionar alguns problemas, mas talvez para essa parte, onde não tem esse imbróglio jurídico da posse, a gente possa tentar buscar um caminho, sem esperar esses 5, 10, 20 anos, que a gente não sabe quanto tempo vai levar para regularizar. Aí é uma conversa de gestores. O diretor do DMAE com o diretor do DEMHAB, para a gente resolver esse imbróglio. Eu costumo ser objetivo, então não sei se eu fui claro.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Eu vou ajudar aqui também para a gente fechar, te agradeço. Muito obrigado, Luciano. Eu vou aproveitar a deixa do Luciano para falar aqui, nesse fechamento, da nossa reunião. Primeira coisa, eu acho que é uma vitória duas coisas que foram levantadas aqui enquanto compromissos. E eu volto a dizer, tudo o que foi dito aqui está registrado. O que os vereadores, a comunidade e o governo falaram.

E eu acho que é uma vitória da reunião da CUTHAB, uma vitória da CUTHAB e uma vitória da associação. Tem um compromisso da Secretaria de Serviços Urbanos de, a partir de amanhã, iniciar o projeto de iluminação pública, e, na semana que vem, a gente tem uma vitória do DMAE nos pontos críticos de abastecimento de água para a gente pensar ações, obras de limpeza das valas. Certo. Então, é vitória para a limpeza das valas na semana que vem. Eu vou chegar aí. Então, gente, eu acho que são duas vitórias e eu queria parabenizar a associação de encaminhamento dessa reunião. Início do projeto de iluminação e vitória do DMAE para a limpeza das valas. Fechou isso entre nós aqui, gente? Então, eu acho que a gente já sai com alguma coisa dessa reunião. Como é o seu nome, meu bem? Rosa. Certo. Nós vamos chegar em todos os pontos. Então, a gente já sai com dois pontos aqui. Várias pautas foram trazidas aqui de secretarias que não estão, como, por exemplo, a questão do transporte. Eu penso que, em relação a isso, é o terceiro encaminhamento que a gente tem para dar, na minha opinião, porque agora que a gente tem uma associação constituída, a CUTHAB, o nosso mandato, vai marcar uma audiência com a EPTC e com a Secretaria de Mobilidade para a gente falar especificamente sobre a questão das linhas e horários de ônibus. Então, o nosso terceiro encaminhamento, nós não vamos vir aqui, necessariamente, mas o mandato vai marcar uma audiência com a EPTC e com a Secretaria de Mobilidade; a associação vai representando para a gente tratar esse tema do transporte. Pode ser assim, gente?

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): A terceira coisa, a gente falou aqui, tanto em relação à CEEE, que tem problema, à falta de vaga na creche e a essa ameaça em relação à ocupação. A vida real, Luciano, é que, sem dúvida, só uma ação judicial para retirar alguém do seu território, da sua casa. Mas, na vida real, a gente, em algumas comunidades, tem essa questão

da ameaça, da coação, que eu estou entendendo que é isso que a comunidade está sofrendo aqui.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Então, gente, em relação a essas três coisas, a questão da ocupação, que está sendo ameaçada, da vaga na creche e da CEEE, o nosso quarto encaminhamento é a gente fazer, e, se puder, aqui nesse espaço, um mutirão com a Defensoria Pública, com os diferentes núcleos. Tem o núcleo da infância, que trata do tema da vaga na creche; o núcleo do direito do consumidor vê a questão da CEEE; e o núcleo da moradia vai atender à questão da ocupação. Então, esse é o nosso quarto encaminhamento que eu estou propondo aqui. Pode ser assim?

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Então, nós já temos quatro. O nosso mandato e a CUTAB ficam responsáveis de marcar também, junto com a associação, a data com a Defensoria Pública dos mutirões. Tem muito mais coisa que foi levantada aqui. Para esse conjunto enorme de coisas, o que eu quero propor é que a associação transforme esse documento que tu leste, e a gente pega o que as pessoas falaram, e um *checklist* de todas as demandas que a gente tem. E eu falei desde o início, gente, a nossa luta começou aqui, ela não termina aqui. E nós vamos ter que ficar em cima, Câmara e Associação, para cada uma dessas questões. E ter a Associação aqui hoje é muito importante, porque, como a gente falou desde o início, dá mais força. Por exemplo, eu não sei como é que vocês ficam, eu fico impressionado. São anos e anos de sofrimento, a gente não ter ainda a demanda pelo OP para a regularização fundiária aqui. Então, essa é uma coisa que a Associação, a partir da atuação no OP, nós precisamos imediatamente aprovar essa demanda pela comunidade para que o processo de regularização fundiária comece.

Demos quatro encaminhamentos, fechou? Aprovados os encaminhamentos? Então, está certo. (Palmas.)

Fica uma outra questão, que é esse *checklist* que a Gabriela, a Josiane, nossa presidenta e vice-presidente, vão fazer esse *checklist* para a gente seguir trabalhando em cima de todas as outras demandas. Por exemplo, eu sou bom de memória, eu anotei tudo. Tem a questão do lixo e o DMLU, que foi tratado aqui. Tudo isso nós vamos ter que ir caso a caso.

Agora, eu quero falar uma coisa que eu preciso honestamente divergir do governo. Certo? Eu não concordo com a fala do governo aqui, e eu lamento a fala do governo aqui. Porque é o seguinte, eu tenho um respeito profundo aos servidores de carreira, o que significa servidor de carreira, gente? Que o governo passa e o servidor fica. E eu acho que é muito importante a gente ter os servidores de carreira. E eu respeito muito a atuação de todos os servidores que estão aqui, mas, por exemplo, diretora Isabel, aqui tu também falas em nome do governo, diretora do DMAE. E o que eu diverjo, e o que eu lamento, é com a fala de que: “Bom, nós só vamos resolver depois que tiver a regularização fundiária concluída”. Por que eu estou falando isso, gente? Olha só. Oficialmente, pela lei, nem a CEEE poderia botar o poste de luz que botou aqui e está cobrando a conta de vocês. (Palmas.) E – eu sou presidente da CUTHAB –, na última reunião da CUTHAB, gente, a CEEE foi e falou exatamente isso: “Não, eu não posso botar luz lá no Quilombo dos Machados, porque não está regularizado, e eu só posso botar luz onde está regularizado”. E eu falei para eles: “Mas vocês botaram a luz no Beco do Buda”. Então, eu estou trazendo isso, gente, como exemplo para vocês. A própria fala do Luciano está registrada aqui. O Luciano falou... Olha só, para entregar a escritura, que é a última etapa da regularização fundiária, precisa ter a infraestrutura.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Então, o próprio Luciano também falou. Eu te ouvi, Isabel, depois eu vou passar para ti. Então,

olha só, gente, e eu volto a dizer para vocês, eu quero que vocês tenham, com as representações do governo, inclusive, o respeito que eu tenho. Nós estamos aqui para discutir, para conversar, para falar da divergência e para resolver a questão. O próprio Luciano falou que onde tem instalado o Reurb, que é o início do processo, uma das fases iniciais, isso já abre caminho. O seu Vieira, que agora está dando uma cochilada ali. Vamos lá, seu Vieira. Na 6005, eles têm a escritura? Não. Estão lutando, mas eles já têm obras acontecendo.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Então, o que eu estou querendo só dizer é o seguinte, eu não quero que vocês briguem individualmente com a Isabel. Não, o que eu quero dizer é que eu não concordo... Olha só, gente, vamos retomar aqui. Meninas, olha só, eu não concordo com essa ideia de que só dá para fazer quando está regularizado. Não é bem assim, no meu entendimento. Eu acolho a sugestão da Isabel, em qual sentido? Se a gente precisa fazer alguma lei lá na Câmara para deixar isso tudo mais nítido, eu topo a gente apresentar um projeto de lei lá na Câmara, daqui a pouco, se o DMAE reconhece alguma ocupação como ocupação consolidada, se isso for o suficiente para as intervenções. Porque, para mim, gente, o que eu não aceito é a questão do abastecimento de água. É um direito humano, as pessoas não podem esperar para ter água na sua torneira em uma ocupação consolidada há mais de 20 anos, como é o Beco do Buda, e ter que aguardar mais 5, 6, 7, 10 ou 20 anos. Então esse é o ponto que eu não saio satisfeito e que nós temos que seguir lutando. E, para isso, eu proponho um outro encaminhamento – estou ficando sem voz, desculpa, gente, é que é final de ano, final de dia –, que é o seguinte: nós, além de todos os encaminhamentos que a gente teve, eu acho que a gente precisa pedir uma audiência no gabinete do prefeito, porque, no limite, quem tem o poder de decisão sobre as secretarias, também sobre o DMAE, que é uma autarquia da Prefeitura, é a Prefeitura. Então, eu acho que nós precisamos mobilizar a associação, mobilizar a comunidade, e nós

precisamos batalhar juntos para que o tema da água seja imediato. Para ontem! Essa é a minha disposição de luta com vocês, e, por isso, a minha proposta de encaminhamento é, além de todas aquelas que eu falei antes, nós marcamos também uma reunião no gabinete do prefeito, o que não significa que vai ser necessariamente com o prefeito, mas, quando a gente fala na Prefeitura, é lá onde é coordenado o todo, para a gente tratar sobre esse tema do abastecimento da água. Eu não aceito que a gente aguarde a finalização da regularização fundiária para as pessoas terem água na torneira, essa é a última proposta de encaminhamento que eu apresento para a comunidade, e quero saber se vocês topam, se pode ser assim. Eu vou permitir, se a Isabel quiser fazer uma consideração, que ela possa fazer a consideração dela, e, depois, se mais alguém da comunidade quiser fazer uma fala bem rapidinha, para a gente poder encerrar, mas eu acho que já encaminhamos bastante aqui na nossa reunião, não é, gente?

SRA. ISABEL COSTA: Bom, pessoal, então...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SRA. ISABEL COSTA: Pessoal, em momento algum eu disse que tinha que estar finalizado o processo de regularização fundiária, até porque eu não trabalho no DEMHAB, eu deixei bem claro que a fala mais importante era do DEMHAB. Em relação a comunidades que já estão no processo de Reurb, como o colega do DEMHAB falou, existe um programa que vocês já devem ter ouvido falar, o Consumo Responsável. Mas é importante, como eu falei antes, que essa questão da posse do terreno esteja definida, não quer dizer a finalização do processo. Por isso que eu deixei bem claro que isso é com o DEMHAB. O DMAE, entra depois que o DEMHAB chancelou. Em relação à existência de redes, aí vocês têm que falar com o vereador de vocês, porque quem trabalha com leis são os vereadores. Nós temos que seguir a lei. Eu, no momento em que eu sou uma servidora de carreira, se eu infringir a lei, eu sou responsabilizada. Para

vocês é importante que quem está trabalhando como servidor, siga a lei, porque é uma garantia para todos nós. Eu também faço parte da população de Porto Alegre, eu também moro aqui, e eu gosto, eu me sinto mais segura se eu sei que meus colegas seguem a lei, acho que é uma garantia para todos nós. Então, questões de regularização fundiária e tal, a gente tem que ter o aval do DEMHAB, sem o aval do DEMHAB, não dá para ir à frente. A primeira parte são eles, depois a gente vem.

Em relação a essa questão, e eu acredito que o colega talvez se refira a isso, de que tem que ter abastecimento de água, esgoto. Tem inúmeras comunidades, gente; eu trabalhei 11 anos na Gerência Distrital Norte do DMAE, e o que a gente observa? Os próprios moradores constroem suas redes de esgoto, os próprios moradores constroem suas redes de água. Vocês têm um macromedidor aqui, na entrada da comunidade.

(Manifestações paralelas. Ininteligíveis.)

SRA. ISABEL COSTA: Então, assim, vocês podem fazer essas redes de vocês. Aí, o DEMHAB considera como vocês tendo abastecimento de água e rede de esgoto, mas é a realidade. Eu não vou vir mentir para vocês, entende? Eu também sou moradora de Porto Alegre e eu gostaria que me falassem a verdade. Então, é isso que eu tenho a dizer. Obviamente, a gente está aqui para ajudar e para trazer a verdade para vocês. Eu não posso vender um sonho para vocês.

(Manifestações paralelas. Ininteligíveis.)

SRA. ISABEL COSTA: Assim como eu respeito a lei, e é uma garantia para vocês que eu respeite a lei, e meus colegas também, vocês precisam saber o caminho que leva vocês a terem do que vocês precisam. E o caminho é isso; é ir no Orçamento Participativo, é entrar com o pedido de regularização da Reurb; é isso que vocês precisam fazer para a gente poder ajudar vocês dentro da lei. Esta, pessoal? Obrigada.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Obrigado, Isabel. Quero te agradecer, Isabel, porque é o seguinte, eu acho que agora, talvez, então, tu tenhas te expressado melhor, porque eu tenho certeza que não só eu, como todo mundo que está aqui entendeu pelas falas que a garantia da água, por exemplo, só ocorreria após a finalização. Então, agora tu estás te expressando melhor e está todo mundo aqui confirmando aquilo que eu também já tinha resgatado, que não exige, o Luciano tinha falado disso, não exige, não há necessidade da finalização do processo. Então, a diretora Isabel mais uma vez reforçou, e que é importante, a atuação da associação, Orçamento Participativo, demandar no Orçamento Participativo, mas esse processo todo se vincula com o encaminhamento que eu sugeri também. Vamos ao gabinete do prefeito, porque no gabinete do prefeito se articula a ação integrada, entre o DEMHAB, o DMAE, entre as secretarias. Então, nós temos uma grande luta pela frente, e eu acho que a gente está junto, inclusive junto com o DMAE, para que o mais rápido possível, vocês tenham água de qualidade na torneira que, como a gente tem insistido aqui, é um direito humano. Divergência é natural, é bom quando tem, o mais importante é a gente buscar um entendimento, e um entendimento que nos faça avançar na conquista dos direitos de vocês, gente. Eu quero agradecer a todo mundo que ficou até o final, eu vou ficar um pouco mais para quem quiser conversar. Da minha parte, podemos encerrar a reunião, só a companheira aqui, desde o início, está tentando falar. Por mim, a gente te ouve e encerra a reunião, gente.

SRA. SUZETE: Eu estou, desde o começo do ano, morando aqui atrás, no valão. O valão é com água parada, não corre. Atrás da minha casa, não tem nem vala que anda lá para a ponta, é água parada. É valão parado aqui; o esgoto dos meus vizinhos, passa um aqui e o outro passa junto com o cano d'água. Eu não posso cercar a minha casa, porque, se eu cercar o fundo, eu quebro o cano do DMAE, que é do meu vizinho, o cano do esgoto, que é do meu vizinho, que passa um por aqui, o outro por lá, e o valo não corre, eu tenho que tirar de enxada. A

minha vizinha, que mora perto, viu eu tirando de enxada, mas mesmo eu cavoucando um buraco dessa altura na vala daqui, que é onde tem a ponte que a gente atravessa, a água não se mexeu lá atrás, continuou parada com os mosquitos, criando tudo. A minha casa é perto da vala; claro, eu comprei no começo do ano, antes das enchentes, eu não sabia onde eu ia me meter. Quando eu entrei para ali para dentro, a água atingiu isso aqui, acima da ponte, e não tinha como entrar. Se eu trazido os meus bichos, eles teriam morrido ali, porque não tinha como entrar. O meu vizinho fazia a volta por trás, mas eu não conseguia. O pessoal da igreja, da ONG, aqui, está me ajudando bastante, eu não tinha nem geladeira, só tinha uma lâmpada, e a luz estava vindo em R\$ 200,00 – era uma lâmpada só. Não tinha dinheiro para comprar uma lâmpada para botar no quarto, eu botei na cozinha, que iluminava toda a casa, mas a luz estava vindo em R\$ 200,00. Tem mais uma coisa, tento procurar o meu endereço. A CEEE me achou, nº 145, mas eu procuro Uber, qualquer coisa, eu não sei qual é o endereço da minha casa, só por causa da CEEE.

(Manifestações paralelas. Ininteligíveis.)

SRA. SUZETE: Sim, aí, eu não sei por onde é, porque eu não tenho estudo, eu não pude terminar meu estudo, porque eu fiz o meu auxílio, e agora não tenho creche, meus filhos estão... A minha filha estuda no Lageado, porque eu não consegui transferir para cá ainda, não consegui creche, não consegui escola para minha filha, porque não tem vaga, aqui tem cento e poucas crianças. Só daqui tem cento e poucas crianças, eu não consegui vaga para os meus. Só nesse beco tem, a creche está lotada aqui, e quem tem carro, lá, de longe, da Zona Norte, às vezes, bota ali também, porque aqui a gente não tem lugar.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Quero agradecer a manifestação. Gente, eu sei que tem muita gente que talvez gostaria de falar de novo, mais alguém falar, mas eu acho...

(Manifestações sobrepostas. Ininteligíveis.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Perfeito. Pedro Américo, questão dos professores.

(Manifestações sobrepostas. Ininteligíveis.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Isso.

(Manifestações sobrepostas. Ininteligíveis.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): E Pedro Américo, no caso, é uma escola estadual, envolve a Secretaria Estadual da Educação, e vai estar no *checklist* aqui. Gente, eu quero agradecer a quem ficou até o final, a luta está começando aqui, e a gente precisa junto, em coletividade, apostar na possibilidade de conquistar aquilo que a gente merece. Quero agradecer à associação, às representações do governo, tiramos encaminhamentos, e eu vou seguir aqui à disposição para a gente conversar, quem quiser finalizar algum ajuste que outro. Muito obrigado, gente. (Palmas.)

Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos da presente reunião.

(Encerra-se a reunião às 20h35min.)